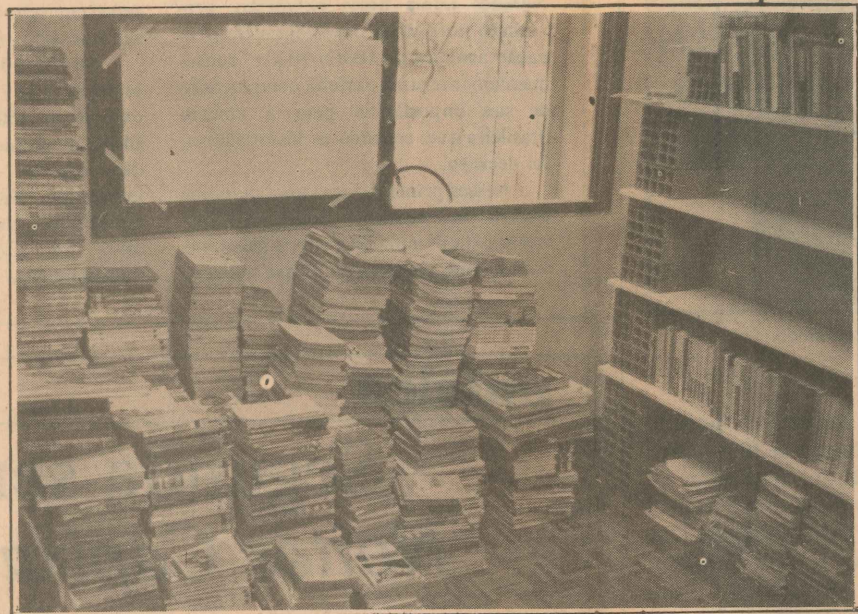


Em Laranjeiras, uma comunidade cresce com livros

11/6053

Num município cheio de problemas, um exemplo do que a participação comunitária pode fazer: a biblioteca da Associação de Moradores do Parque Residencial Laranjeiras não tem similar na América Latina.



Faltam estantes e muitos livros ficam no chão

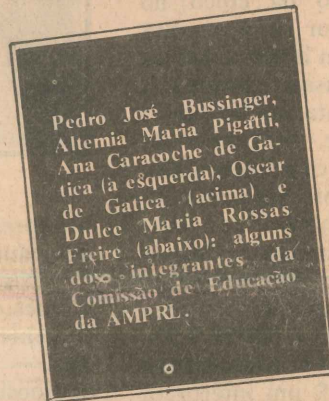
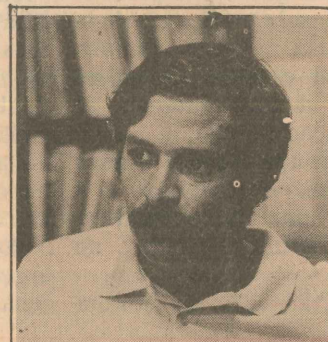
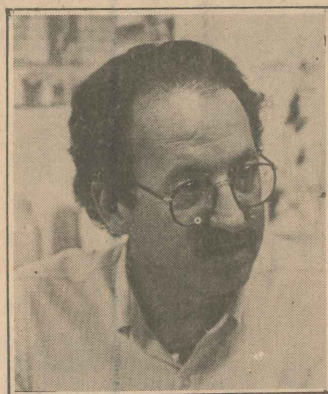


Um morador ajuda no trabalho de organização e catalogação do acervo

A biblioteca do Parque Residencial Laranjeiras funciona numa sala da sede da Associação de Moradores (AMPRL). É coordenada pela equipe de educação local, composta por 15 pessoas. A bibliotecária capixaba Todesca Batke, em sua tese de mestrado em São Paulo, afirma que, depois de percorrer toda a América Latina, não encontrou outra biblioteca que funcionasse como a do bairro serrano, onde a participação comunitária é total.

A diferença básica da biblioteca é que ela nasceu por vontade e decisão dos próprios moradores. Como se trata de um bairro carente, entendeu-se que não deveria ser feita uma coisa tradicional, apenas no esquema de receber, catalogar, emprestar e receber livros. Segundo um estudo da comissão de educação, "é objetivo da biblioteca ser realmente comunitária, participando das lutas contra tudo aquilo que impeça a realização cultural da comunidade. Ela tenta fornecer alguns elementos que ajudem a expressar a realidade cotidiana em suas diferentes manifestações (espiritual, social, artística, política e econômica)".

Uma das metas principais da biblioteca é



agregador dos membros da comunidade. Para isso, a comissão de Educação pretende vir a contar com os recursos mínimos — materiais e humanos.

Apesar da efetiva participação da comunidade, existe ainda a crença de pessoal. São necessárias pelo menos mais duas auxiliares de biblioteca. Atualmente trabalham em sistema de revezamento a bibliotecária Dulce Maria Rossas Freire e as moradoras Altemia Maria Mombrini Pigatti e Ana Maria Caracoche de Gatica.

Os recursos materiais que a biblioteca precisaria, no entender de seus moradores, seriam, pelo menos, estantes de aço, arquivos de aço e fichários, máquinas de escrever, escrivatinhas, projetor de slides, tela, máquina fotográfica e gravador, mimeógrafo a tinta e o material de consumo correspondente, projetor de filmes, amplificador de som, microfones, retroprojetor e quadro negro, além de um palco móvel para exibição de espetáculos para a comunidade.

Uma coisa se pode notar na equipe de Educação da AMPRL: determinação. Para o professor Pedro

O Parque Residencial Laranjeiras, no município da Serra, tem 1885 unidades habitacionais e uma população estimada em 10 mil pessoas, possuindo uma escola pública de 1º e 2º Graus e três particulares. Tem cinco anos de existência e todos os problemas de infra-estrutura comuns a uma cidade que cresce sem planejamento urbano.

O município da Serra — que passou em pouco tempo de uma economia agrícola a pólo industrial — teve um aumento populacional de 174% nos últimos anos, desde que ali se implantaram projetos como a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST) e suas empresas-satélites. Dos 17.377 habitantes registrados pelo Censo de 1970, passou para 84.568, no de 1980, com uma densidade demográfica equivalente a 150,73 habitantes por km².

Os projetos industriais atraem anualmente milhares de pessoas do Espírito Santo e de outros Estados. A maioria delas vem do campo, em busca de melhores condições de vida. E a cidade, que vivia da produção de abacaxi, banana e arroz (depois da crise do setor cafeeiro) se vê às voltas com uma inchação em sua periferia, fruto do deslocamento do homem do campo para a periferia.

Esses problemas se refletem diretamente em bairros como o Parque Residencial Laranjeiras. Em princípio, pode-se até não ter essa impressão, já que o lugar é bonito, com ruas asfaltadas e ostentando nomes de músicos eruditos, pintores, escritores e filósofos. Mas a população é considerada como endo de renda média (classe média-baixa) e está

Um bairro que luta

composta de técnicos e operários das grandes indústrias vizinhas, funcionários públicos e comerciários, estudantes, professores e alguns profissionais liberais.

Os problemas mais sérios são nas áreas de transporte, educação e saúde. A única escola pública de 1º e 2º Graus não absorve a crescente população infantil, que como consequência se desloca para o município de Vitória para ter acesso à escola. A rede hospitalar usada como única opção é a da Grande Vitória. Na área de transporte, existe um intenso movimento no bairro (aliás em vários bairros da cidade) contra o monopólio da empresa de ônibus Serrana, que serve (mal) à região.

E dentro desse clima surgiu a Associação de Moradores do Parque Residencial Laranjeiras (AMPRL). E nasceu logo depois que os primeiros moradores começaram a chegar, em abril de 1978. Logo no primeiro mês, a população começou a fazer referências a problemas como má qualidade da água, transporte coletivo deficiente, falta de segurança, telefone público, ausência de calçadas nas ruas, áreas públicas de lazer, escola pública, manutenção de áreas verdes, asfaltamento deficiente e outros.

Convocada uma reunião para que os moradores discutissem essas questões e apontassem formas de encaminhamento, ficou constatada a necessidade de organizar a população em torno de uma associação de moradores. Formou-se uma comissão provisória de seis membros para encaminhar as reivindicações, organizar a associação e apresentar um anteprojeto de estatutos.

fundada no dia 23 de julho de 1978, em assembleia geral. Ali foi eleita também a primeira diretoria — constituída de seis membros e um Conselho Fiscal de três membros e três suplentes — com mandato de dois anos.

A AMPRL foi estabelecida tendo como objetivo fundamental "assegurar aos moradores do Parque Residencial Laranjeiras a efetivação dos seus direitos fundamentais, buscando as soluções dos problemas, promovendo o seu desenvolvimento comunitário e proporcionando a seus associados condições de habitar, trabalhar, recrear, desenvolver-se e se manifestar", segundo relatório da Associação.

Há ainda a preocupação de manter a independência diante do poder público e dos partidos políticos; desenvolver uma consciência mais social sobre seus problemas e assegurar uma participação real dos moradores no processo de discussão e encaminhamento das questões, com base em decisões a nível coletivo.

Atualmente, segundo alguns moradores, a AMPRL vem buscando uma participação mais efetiva da população, tendo para isso formado comissões de trabalho nas áreas de educação, transporte, cultura e lazer, esporte, obras e urbanização, justiça e direito, saúde e meio ambiente. São ao todo sete comissões, mantendo contatos com os órgãos estatais responsáveis pela prestação dos serviços e acompanhando seu desenvolvimento. Procura-se ainda levar suas experiências de trabalho comunitário para outros bairros, colaborando para a solução de problemas comuns a todo o município.

ontade e decisão dos próprios moradores. Como se trata de um bairro carente, entendeu-se que não deveria ser feita uma coisa tradicional, apenas no esquema de receber, catalogar, emprestar e receber livros. Segundo um estudo da comissão de educação, "é objetivo da biblioteca ser realmente comunitária, participando das lutas contra tudo aquilo que impeça a realização cultural da comunidade. Ela tenta fornecer alguns elementos que ajudem a expressar a realidade cotidiana em suas diferentes manifestações (espiritual, social, artística, política e econômica)".

Uma das metas principais da biblioteca é "tornar-se o Centro Cultural do bairro, onde se concentrem todas as iniciativas da comunidade, onde se impulsionem e venham a se apoiar novas manifestações culturais populares e onde se busque os meios para que se tornem realidade concreta essas manifestações" — informa o presidente da Associação, José Carlos Pigatti.

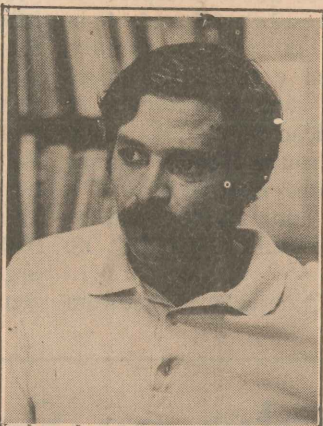
Assim que a idéia da criação da biblioteca foi divulgada a população respondeu imediatamente. Todo o bairro apoiou a iniciativa, com doações de livros, além de colaborar com o próprio trabalho de recebimento e organização do material que chegava. A Associação dos Bibliotecários e a Biblioteca Pública Estadual também ajudaram.

A comunidade do Parque Residencial Laranjeiras fez uma festa no dia 31 de outubro de 1981 para o ato de fundação da Biblioteca Comunitária, que teve ainda o apoio do Departamento Estadual de Cultura (DEC). Foram feitas apresentações de historinhas infantis e teatro de fantoches, bem como outras atividades com as crianças do bairro — entre outras, desenhos infantis e trabalhos de modelagem em barro.

A biblioteca passou a funcionar, tendo de início apenas pessoas do local, em participação voluntária, além de estagiárias do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Foi então solicitado um apoio do governo do Estado via DEC. Em 25 de março passado aquele órgão e o Instituto



Pedro José Bussinger, Altemia Maria Pigatti, Ana Caracocha de Gatica (à esquerda), Oscar de Gatica (acima) e Dulce Maria Rossas Freire (abaixo): alguns dos integrantes da Comissão de Educação da AMPRL.



Nacional do Livro (INL) assinaram um convênio em que o primeiro se comprometia a doar 250 livros por ano e a prestar assistência técnica, enquanto o DEC se obrigava a fornecer mesas, estantes e cadeiras, além de um ou mais funcionários para a manutenção da biblioteca e atendimento ao público.

Em 10 de setembro do ano passado, o INL já tinha expedido o Certificado de Registro da Biblioteca da AMPRL, sob o nº 22.572. A forma de criação, os objetivos e a forma de manutenção da biblioteca são tão incomuns que o certificado foi expedido na categoria de **Biblioteca Especial**.

Os planos da equipe de Educação da AMPRL são vários, atualmente. Eles fazem gestões junto a órgãos públicos e privados no sentido de conseguir ajuda para seu trabalho; estão mandando ofícios a empresas no Estado, solicitando doações em dinheiro, o que poderia ser abatido no Imposto de Renda das firmas; estuda-se a construção da nova sede da biblioteca, num terreno de aproximadamente 400 m², ao lado do Centro Comunitário (o arquiteto Kleber Frizzera prometeu fazer o projeto, utilizando inclusive ajuda de alunos seus, da Ufes).

A construção da nova sede vai propiciar à comunidade de Laranjeiras tornar concretos alguns outros objetivos de sua biblioteca, entre os quais o que eles chamam de "biblioteca viva". Seria fazer do lugar um centro de debates da

comunidade local e até de outras. Ali seriam oferecidas palestras, seminários e cursos sobre estruturação e participação comunitária, além de o local servir para toda e qualquer reivindicação dos moradores. Paralelamente, o gosto pelos livros se iria desenvolvendo nas pessoas.

E dentro do aspecto didático-pedagógico a comissão de Educação pretende que sejam desenvolvidas as seguintes atividades:

Literárias: atividades poéticas, de redação e encenação de dados biográficos de personagens importantes para a comunidade;

Didáticas: organização de cursos/seminários sobre comunidade e planejamento de atividades culturais; curso sobre liderança a nível de comunidade; palestras e debates sobre a realidade cultural de nosso povo;

Museologia: organização de um arquivo-memória da comunidade ("como forma de os moradores criarem e registrarem sua própria história, manterem sua própria referência");

Campanhas e promoções: para a doação de livros novos; leitor registrado; prêmio para o leitor mais assíduo do ano; contato com escritores; reivindicação de equipamentos básicos para a biblioteca e realização dos projetos;

Comunicação: reorganização e manutenção do informativo da comunidade.

Assim, a biblioteca seria dinamizada "de forma a se tornar o núcleo irradiador das práticas culturais do bairro. E o projeto biblioteca viva seria o elemento

Os recursos materiais que a biblioteca precisaria, no entender de seus moradores, seriam, pelo menos, estantes de aço, arquivos de aço e fichários, máquinas de escrever, escrivatinhas, projetor de slides, tela, máquina fotográfica e gravador, mimeógrafo a tinta e o material de consumo correspondente, projetor de filmes, amplificador de som, microfones, retroprojetor e quadro negro, além de um palco móvel para exibição de espetáculos para a comunidade.

Uma coisa se pode notar na equipe de Educação da AMPRL: determinação. Para o professor Pedro Bussinger, um de seus integrantes, "é muito importante o trabalho que se faz na comunidade. Pretende-se, inclusive, tentar conseguir recursos no exterior para a continuação do trabalho".

O casal argentino Ana e Oscar Gatica é dos mais atuantes, dentro do movimento. Ela, inclusive, fez um curso de auxiliar de bibliotecária para conhecer as técnicas de organização do acervo, que conta hoje com 5 mil exemplares, alguns ainda sem estantes.

A moradora Altemia Pigatti afirma que o trabalho mudou muito sua vida:

— É gratificante isso que estamos fazendo. Até algum tempo atrás a minha vida se resumia a minha casa. Hoje, apesar das crianças, encontro tempo para ficar aqui, na parte da manhã. E está sendo muito importante para mim.

A animação com o trabalho tem reflexo direto nas crianças do bairro. Elas é que na verdade fazem funcionar a biblioteca, já que pegam livros, levam para casa e a seguir vêm os irmãos e pais, fechando o círculo familiar. Carla Balzana Azevedo estuda na escola Aristóbulo Leão e se mostrar entusiasmada:

— Devia haver uma biblioteca dessas em todos os bairros. Eu acho muito bom.

A opinião dela é a mesma de Robson Martins Pinto, Júlio César Nunes Coelho e Márcio Carlos Moschen. Falam de seu bairro, de sua AMPRL e da biblioteca com muito orgulho.

Serrana, que serve (mal) à região. Dos 17.377 habitantes registrados pelo Censo de 1970, passou para 84.568, no de 1980, com uma densidade demográfica equivalente a 150,73 habitantes por km².

Os projetos industriais atraem anualmente milhares de pessoas do Espírito Santo e de outros Estados. A maioria delas vem do campo, em busca de melhores condições de vida. E a cidade, que vivia da produção de abacaxi, banana e arroz (depois da crise do setor cafeeiro) se vê às voltas com uma inchação em sua periferia, fruto do deslocamento do homem do campo para a periferia.

Esses problemas se refletem diretamente em bairros como o Parque Residencial Laranjeiras. Em princípio, pode-se até não ter essa impressão, já que o lugar é bonito, com ruas asfaltadas e ostentando nomes de músicos eruditos, pintores, escritores e filósofos. Mas a população é considerada como sendo de renda média (classe média baixa), e está

E dentro desse clima surgiu a Associação de Moradores do Parque Residencial Laranjeiras (AMPRL). E nasceu logo depois que os primeiros moradores começaram a chegar, em abril de 1978. Logo no primeiro mês, a população começou a fazer referências a problemas como má qualidade da água, transporte coletivo deficiente, falta de segurança, telefone público, ausência de calçadas nas ruas, áreas públicas de lazer, escola pública, manutenção de áreas verdes, asfaltamento deficiente e outros.

Convocada uma reunião para que os moradores discutissem essas questões e apontassem formas de encaminhamento, ficou constatada a necessidade de organizar a população em torno de uma associação de moradores. Formou-se uma comissão provisória de seis membros para encaminhar as reivindicações, organizar a associação e apresentar um anteprojeto de estatutos.

Oficialmente a AMPRL foi

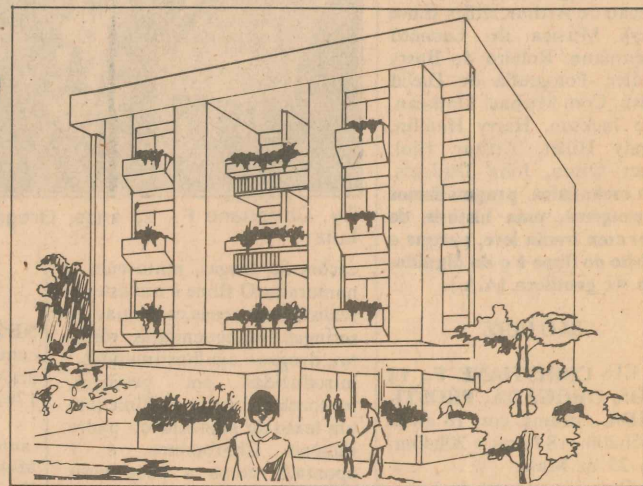
Ha ainda a preocupação de manter a independência diante do poder público e dos partidos políticos; desenvolver uma consciência mais social sobre seus problemas e assegurar uma participação real dos moradores no processo de discussão e encaminhamento das questões, com base em decisões a nível coletivo.

Atualmente, segundo alguns moradores, a AMPRL vem buscando uma participação mais efetiva da população, tendo para isso formado comissões de trabalho nas áreas de educação, transporte, cultura e lazer, esporte, obras e urbanização, justiça e direito, saúde e meio ambiente. São ao todo sete comissões, mantendo contatos com os órgãos estatais responsáveis pela prestação dos serviços e acompanhando seu desenvolvimento. Procura-se ainda levar suas experiências de trabalho comunitário para outros bairros, colaborando para a solução de problemas comuns a todo o município.

2 e 3 quartos com suíte

No ponto ideal de Jardim da Penha

*Edifício
Saint
Korc*



A 100m da Praia de Camburi

E mais o conforto de ter uma garagem privativa, num prédio muito bem acabado, todo ele com esquadrias em alumínio e central de gás. Saint Korc - o endereço ideal para quem já descobriu as mil e uma vantagens de viver em Jardim da Penha. Entrega em novembro de 83.

PLANTÃO: SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

Construção

Santa Barbara

INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO CIVIL

ENGENHARIA E COMÉRCIO LTDA.

Vendas

Financiamento
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

SKEMA
IMOVEIS

TEL: 227-7111